
As equipes de tecnobrega em Curitiba: uma sondagem preliminar¹

Marcelo GARSON²
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Chamam-se equipes os núcleos de sociabilidade que se reúnem ao redor de um Dj ou aparelhagem nos eventos de tecnobrega realizados em Belém do Pará. O objetivo deste trabalho é compreender o surgimento das equipes nas festas de música paraense na cidade de Curitiba. Valendo-se de entrevistas em profundidade, de observação participante em festas, além da filiação a um desses grupos, busca-se empreender um mapeamento preliminar das equipes que nos ajude a compreender seu surgimento, lógica de organização, hierarquias, símbolos e conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: tecnobrega; diáspora; aparelhagem; fã-clubes; música popular.

No cenário da música popular brasileira, a existência de fã-clubes não é um fenômeno novo, como fica claro pela observação dos programas de auditório, muito populares nos anos 1950. Neles, tínhamos cantoras como Marlene e Emilinha Borba que ganharam o status de celebridade devido ao culto e reverência da audiência. Para além do expectador médio que poderia frequentar os auditórios ou acompanhá-las através do rádio, tínhamos os fã clubes que funcionavam como verdadeiras equipes de suporte dos seus ídolos, frequentando suas apresentações, escrevendo cartas às emissoras e periódicos radiofônicos e angariando votos para concursos como o de Rainha do Rádio (Calabre, 2002).

A enorme modificação sofrida nos últimos 70 anos no cenário midiático brasileiro também modificou a natureza e o modo de atuação dos fãs. Dentre os diversos modos de atuação existente, interessa-me em particular aquele ligados à cena de música paraense na cidade de Curitiba. Esse esforço faz parte de uma pesquisa que empreendo desde 2022 no sentido de compreender o modo de organização, os códigos, discursos e público que compõem uma cena musical pujante composta por eventos inspirados nas festas que se

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Comunicação da UFPR email: garson.marcelo@gmail.com.

realizam em Belém do Pará, cidade cuja paisagem natural, social, cultural e demográfica difere radicalmente de Curitiba, localizada a mais de três mil quilômetros de distância.

Desde que comecei a frequentar essa cena musical, pude notar a constituição das equipes, núcleos de sociabilidade que incidiram na modificação da natureza pela qual o público se organiza. A matriz desse fenômeno está localizada nas festas de aparelhagem realizadas em Belém e arredores, portanto é deste cenário que nossa investigação deve partir.

No Pará, chamam-se festas de aparelhagens as mega-estruturas de imagem e som montadas durante os eventos de tecnobrega realizados em sua capital e interior. Equipe é o nome que se dá os grupos de amigos que se reúnem ao redor dessas festas. São diversos os arranjos possíveis: algumas equipes não passam da reunião de amigos que vão a eventos juntos, algumas delas estão ligadas “a um bairro (GDP - Galera da Pedreira) ou a um segmento de festa (Os Varejeiros da Saudade³)” (Magalhães, 2017, p.117), outras funcionam como um fã-clubes ligado a um DJ ou a uma aparelhagem (“1000% Príncipe Negro”, ligada à aparelhagem Príncipe Negro), e um terceiro arranjo diz respeito às equipes de dança (“Os potentes do Brega”). Nesse último caso, temos um grupo de dançarinos que se reúnem periodicamente para aperfeiçoar as suas habilidades em ensaios, pagos ou gratuitos. Nas festas, eles mostram suas habilidades, chegando até a disputar prêmios em dinheiro.

Em uma das etnografias mais detalhadas sobre as festas de aparelhagem do Pará, que constituem o chamado “circuito bregueiro”, Antônio Mauricio da Costa afirma que as “os fã-clubes são uma aproximação maior entre as estratégias empresariais dos donos de aparelhagens e a resposta do público deste circuito ao seu poder de atração” (Costa, 2007, p.250). Ao apresentarem-se como representantes das aparelhagens a que estão filiados, os fã-clubes estabelecem uma troca de prestígio e reconhecimento entre si e as aparelhagens.

Enquanto os Djs propagandeiam a existência dos grupos por meio de chamadas ao microfone, em letrados luminosos e até em canções, que funcionam como um hino do grupo, executadas diversas vezes durante as festas, os integrantes do grupo, carregam o nome da aparelhagem em camisetas, bonés, copos e demais produtos. Os donos de aparelhagem, assim, ganham com a presença de um público cativo que ajuda o seu

³ “Saudade” diz respeito aos Bailes da Saudade, festas nas quais a trilha sonora é retirada majoritariamente de artistas de brega paraenses das décadas de 1970 e 1980.

negócio a se popularizar, enquanto os fãs ganham pela construção de uma identidade singular frente aos demais frequentadores.

De acordo com o autor, o aparecimento desses grupos data da virada para o século XXI momento de expansão e popularização das aparelhagens de médio e grande porte no Pará. Sendo muitas das aparelhagens empresas familiares, o fã-clubes, integrada a seu circuito íntimo, acaba sendo tratado como uma extensão da família, o que é corroborado pelo uso dessa palavra ao microfone pelos DJs durante suas performances. Dessa forma, “os fãs-clubes são núcleos de sociabilidade mais estáveis, resultantes de relações de amizade e vizinhança no interior do bairro, que transformam a frequência conjunta às festas de brega de uma aparelhagem específica em algo mais 'familiar' (Costa, p.153).

Assim, os fã-clubes são mais do que uma fatia do público que se diferencia dos demais pela maneira assídua como frequentam os eventos. Ao chegarem uniformizados, se posicionarem em uma posição privilegiada (bem à frente do DJs), executarem passos de dança elaborados e receberem um tratamento todo especial dos DJs, os fã-clubes não só desfrutam das festas, mas funcionam como uma atração à parte. Ao realizar “uma espécie de festa dentro da festa”, “são parte integrante e, ao mesmo tempo, espetáculo do circuito bregueiro” (COSTA, 2007, p.151). Isso explica o fato de algumas aparelhagens distribuírem carteirinhas que garantem descontos aos seus afiliados: ao mesmo tempo que controla a difusão de sua marca a aparelhagem concede benefícios e reconhecimento a esse grupo especializado.

Costa ressalta ainda como a dança é um componente fundamental da atividade dos fã-clubes, o que os leva a se reunirem periodicamente para ensaiar os passos a serem executados na festa, ensaios esses que podem ganhar as vezes de cursos de dança abertos a amigos e vizinhos. Há também um corte geracional, já que seus componentes são majoritariamente adolescentes. Nomes como “Os cachorrões”, “Os gaviões”, “As bandidas” e “As princesas” mostram como esses fãs clubes se alimentam de uma galeria de personagens midiáticos que povoam filmes, series e desenhos animados, o que ressalta como as aparelhagens só podem ser entendidas como um fenômeno da cultura pop. E como fenômeno dessa mesma cultura, os fã-clubes estão imersos em um ciclo de obsolescência muito rápido. As grandes aparelhagens chegam a contar com até 40 fã-clubes espalhados pela cidade de Belém, número esse que varia muito ao longo do ano.

Outro trabalho importante para compreender a dinâmica dos fã-clubes é a dissertação de Magalhães: “Experiências do lugar: Uma etnografia de festas de

aparelhagem nas periferias de Belém do Pará, focada em seus frequentadores”, que já emprega o termo equipe, para referir-se aos grupos de amigos que orbitam ao redor das aparelhagens. Realizada 13 anos após, corrobora o que já havia sido dito no trabalho de Costa, além de trazer algumas novas informações sobre a dinâmica organizacional desses grupos. Fica claro como seus rituais de sociabilidade não estão apartados de outras ocasiões importantes da vida de seus integrantes quando festas de aniversário e até chás de bebê são realizados durante as festas. Com isso, Magalhaes corrobora a ideia de que equipe é uma extensão da família, especialmente por que o contato entre os integrantes do grupo é praticamente diário, fato esse que foi facilitado pelos grupos de Whatsapp, ferramenta inexistente quando Costa fez o seu trabalho.

O autor deixa também claro como a passagem do tempo acompanhou uma expansão das equipes. Um exemplo disso é que até os Bailes da Saudade, que segundo Costa não dispunham de fã-clubes, passaram a tê-los. O autor ainda nos ensina como o status diferenciado dos membros da equipe faz com que eles se tornem mediadores entre o público das festas e os DJs das aparelhagens: “muitos frequentadores recorrem a esses ‘seguidores’ reconhecidos (...) para ajudar na organização dos seus aniversários na festa, para conseguir uma foto com DJ, pedir para mandar abraço, conseguir cortesias ou algum CD da aparelhagem.” (Magalhaes, p. 119). As equipes também funcionam como uma rede de suporte às próprias aparelhagens que já tiveram que recorrer a seus membros em momentos de dificuldade financeira. Esse tipo de ajuda pode também ser direcionado aos membros, um exemplo é um caso em que um integrante ficou paraplégico, como relata Magalhães, e acabou contando com uma festa beneficente para arrecadar fundos para seu tratamento.

Ainda que haja uma relação amigável, são vários os eventos em que diferentes aparelhagens ocupam o mesmo espaço. Essas ocasiões são importantes pra demonstrar o prestígio de cada uma delas frente à cena bregueira como um todo. Para tanto, é necessário que os fãs marquem sua presença, não só numericamente, mas por meio da dança, uniformes, adereços e acessórios. Assim, fica claro que existem relações de conflito e disputa entre os grupos, elemento esse que é pouco abordado em ambos os trabalhos .

O modelo das equipes paraenses exposto acima é o ponto de partida para compreender entenda a ocorrência de fenômeno semelhante em Curitiba. Aqui, o que se observa é uma divisão entre as festas paraenses que ocorrem na periferia e no centro da cidade. Nas primeiras o modelo é claramente inspirado nas festas de aparelhagem, como

já ressaltai em outro trabalho (AUTOR, 2023). Somente nessas vemos a presença das equipes.

Abusados do Brega, Tropa do Mantém, Galera do Digital, Equipe Sal e Equipe Fenix são os seus nomes. A grande maioria tem menos de um ano. Cerca de metade delas está ligada a algum DJ e o restante resume-se a um grupo de amigos que frequentam as festas. Algumas elegem como mascotes personagens bastante conhecidos no universo da cultura pop, como o herói Pantera Negra e o Demônio da Tasmânia, “Taz”, outras, entidades religiosas, como a pomba gira. Para além de frequentarem as festas, algumas ainda arrecadam bens para pessoas em situação de rua. A presença de todas elas se faz notar nos eventos por meio das camisetas e enormes bandeiras que são hasteadas nos camarotes das festas. Esses grupos de amigos bebem juntos, dançam, cantam a música junto com os DJs e são por ele reverenciados como uma presença importante. Mapear o surgimento de cada um desses grupos, sua lógica de organização, hierarquias, símbolos e conflitos é o objetivo desse trabalho.

O objetivo, portanto, não é só perceber em que medida cada um desses grupos replica o modelo das equipes de aparelhagens descritas por Costa e Magalhaes. O contexto curitibano nos leva a uma indagação original: interessa-nos investigar que tipo de especificidade carregam esses grupos como um elemento fundamental de uma sociabilidade diaspórica. Em que medida esses grupos constroem, desconstruem ou reconstruem laços de sociabilidade em meio a uma comunidade migrante é a nossa questão fundamental. Para respondê-la iremos recorrer a entrevistas em profundidade com os membros e fundadores de cada um desses grupos, bem como pesquisas de campo nas próprias festas e eventos que esses grupos se fazem presentes para compreender a atuação de cada deles: suas similaridades, diferenças e conflitos

Iremos também nos valer da observação participante na medida em que o autor deste texto é ele mesmo membro de uma dessas equipes: Os Abusados do Brega. Fundada em julho de 2023, em Curitiba, pelo DJ paraense Gegê Soarez essa equipe conta, no momento, com 15 membros que diariamente mantêm contato através de um grupo de Whatsapp e que costumam encontrar-se nas festas periféricas de música paraense. Entre julho e novembro de 2023 esse grupo também ofereceu ensaios de brega gratuitos e abertos, firmando-se como a primeira equipe de Curitiba a ofertar esse tipo de serviço, fato que já foi produto de outro artigo (AUTOR, 2024). A convivência junto a essa equipe me permitiu notar de que maneira a rivalidade entre os grupos é um elemento estruturante.

É justamente nos momentos de maior conflito que o grupo mais se movimenta, esses episódios, portanto, receberão uma especial atenção ao longo do trabalho.

Com isso fica claro como as equipes curitibanas espelham-se nos núcleos de sociabilidade e nas festas de aparelhagens paraenses, ainda que aqui – pela ausência do aparato técnico – ainda não tenhamos uma aparelhagem propriamente dita. Mas é justamente o que foge ao modelo paraense ou os aspectos que ainda não foram suficientemente explorados em trabalhos anteriores que nos interessa investigar.

REFERÊNCIAS

CALABRE, L. No Tempo do Rádio. Radiodifusão e Cotidiano no Brasil. 1923-1960. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal Fluminense: Niteroi, 2002.

COSTA, A. M. D. Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém: Eduepa, 2009.

MAGALHÃES, R. M. Experiências do lugar: Uma etnografia de festas de aparelhagem nas periferias de Belém do Pará, focada em seus frequentadores.